

EN

This show takes us on a journey into the Spanish 17th century — the *Siglo d'Oro* —, the heyday of the arts in the Spanish Empire, when figures such as Lope de Vega, Calderón de la Barca, Quevedo and Velázquez stood out and shone at court. But this is also the century that marked the beginning of the decline of that empire, with wars, corruption and the decay of the royal house. Staging a Baroque cabaret, in which he presents stories based on real events, the singer and actor Ángel Ruiz presents us the fascinating character of Philip IV, who reigned from 1621 to 1665 – and who was King Philip III of Portugal. Accompanying him is the pianist Bru Ferri, who plays Renaissance and Baroque songs by Monteverdi, José Marin and Juan Hidalgo, as well as some contemporary pieces.

EL REY DE LA FARÁNDULA (O REI DA FARÂNDOLA)

LAZONA (*Espanha*)
Dramaturgia e Direcção de Ángel Ruiz



43º FESTIVAL 04 — 18
de almada Julho 2026

Organização Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

<i>Dias e Horários</i>	16 Julho — 22H00
<i>Local</i>	Palco Grande, Escola D. António da Costa, Almada
<i>Língua</i>	Castelhano, com legendas em português
<i>Classificação Etária</i> M/12	<i>Duração</i> 1H20

*Dramaturgia, Encenação
e Interpretação*

Ángel Ruiz

Direcção musical e Piano

Bru Ferri

Assistente de encenação

Daniel Migueláñez

Figurinos

Almudena Rodríguez Huertas

Desenho de luz

Rodrigo Ortega

Cenografia

Beatriz San Jua, Arantxa López

Melero

Sonoplastia

Kike Mingo

Produção executiva

Jair Souza-Ferreira

Direcção técnica

Daniel Alcázar

Direcção de produção

Miguel Cuervo

PT

O reinado de Filipe IV representou o apogeu das artes no Império Espanhol, com figuras como Lope de Vega, Calderón de la Barca, Quevedo e Velázquez a brilharem na corte. No entanto, marcou também o início do declínio desse império, com guerras, corrupção e a decadência da Casa de Habsburgo. Neste contexto, surge uma personagem misteriosa e fascinante, uma mistura de actor cómico, cantor e bobo da corte, que serve de fio condutor em *O rei da farândola*.

Neste cabaré do *siglo d'oro*, esta personagem — amante, confidente e espião — transporta o público entre épocas, revelando segredos e anedotas da corte de Filipe IV. Com um tom sarcástico, provocador e, ao mesmo tempo, comovente, oferece-nos uma visão humana e emocional do monarca e da sua época.

Servindo-se de uma estética andrógina e barroca, e acompanhado pelo seu inseparável pianista, interpretará canções renascentistas e barrocas de Monteverdi, José Marín e Juan Hidalgo, além de temas contemporâneos. Recitará poemas de Quevedo e interpretará passagens de Lope e de Calderón, construindo um espectáculo versátil, vibrante e cheio de graça, onde o passado e o presente se fundem sem barreiras temporais.

*

Muitos me perguntam como defino este meu novo espectáculo a solo, que faz a ponte entre o *siglo d'oro* espanhol e o presente. Nestes tempos marcados pelas leis do mercado, em que andamos todos obcecados pelos rótulos — inclusivé os criadores —, sempre me fez confusão concentrar numa descrição sucinta e precisa, quase como um slogan de *marketing* para chegar mais rápido ao consumidor, a descrição de um espectáculo que é fruto de vários meses de trabalho, mas também de toda uma carreira a cultivar um *modus operandi* e a minha personalidade artística. (...) Para que possam compreender este meu estilo, parece-me oportuno recorrer ao conceito culinário de ‘gaspacho dramático’, como uma metáfora para esta peça. (...) Para cozinhá-lo, misturei na minha batedeira criativa, como ingrediente fundamental, uma boa quantidade de História e contra-história do século XVII, da horta de Filipe IV; um bom punhado de canções renascentistas refogadas e filtradas pelo talento de Bru Ferri, o meu pianista e director musical; algumas fatias de textos do *siglo d'oro*, de grandes autores; um bom esguicho de distanciamento brechtiano; um pedaço generoso de descaramento próprio do cabaré; uma boa medida de reivindicação; e uma pitada de emoção no ponto certo, de empatia. Tudo isto na medida certa para encontrar o equilíbrio de cada ingrediente e a excelência do resultado final. Eis um espectáculo que, tal como o gaspacho, nos refresca a consciência, nos alimenta o espírito — e é saudável, pois o teatro, tanto pelo riso como pelas lágrimas, é terapêutico.

Ángel Ruiz